



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

## **A INSERÇÃO DE UM DOCENTE COM PRÁTICAS TRADICIONAIS NUM PROCESSO DE (RE)FORMULAÇÃO COLETIVA DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>1</sup>**

**Affonso Manoel Righi Lang<sup>2</sup>, Fernando Jaime González<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida a partir do projeto de Iniciação Científica, pertencente ao Grupo de Pesquisa Paidotribas

<sup>2</sup> Bolsista PIBIC/UNIJUI, aluno do curso de Educação Física da Unijuí.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Humanidade e Educação, participante do Grupo de Pesquisa Paidotribas

**Resumo:** A Educação Física escolar desde que assumida como disciplina escolar (e não mais como atividade pedagógica) coloca a seus professores a necessidade de reinventar a tradição da área. Muitos dos docentes têm conseguido inovar, transformar a EF numa disciplina escolar, mas muitos outros continuam aprisionados em práticas tradicionais ou, o que é ainda mais preocupante, com atuações marcadas pelo abandono do trabalho docente. Nesse contexto, o projeto de pesquisa que origina este trabalho busca compreender as configurações que favorecem e/ou dificultam a renovação das práticas pedagógicas na Educação Física escolar. Particularmente, a finalidade desse estudo centra-se em descrever a inserção de um docente com práticas tradicionais no processo de (re)formulação coletiva da disciplina de educação física em uma escola pública do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. As constatações iniciais, por um lado, confirmaram um perfil de desinvestimento pedagógico da professora estudada, por outro, apontam que a disciplina em transformação traz um fator perturbador a sua prática e a tem disposto a estudar alternativas. Diferentes fatores se entrelaçam para isso, em especial, acreditamos, a demanda indireta das colegas para ela entrar em sintonia com o proposto, na expectativa de que a escola mude o olhar sobre a disciplina. Também um potencial estranhamento que poderia causar frente aos colegas de outras áreas e gestores ela não se incorporar a um processo (Grupo de Estudo) que em linhas gerais, e sem ter muitos detalhes sobre seu funcionamento e propósito, tem uma avaliação da comunidade escolar. Não se deve descartar, o próprio incomodo/desafio produzido pela observação de suas aulas. No entanto, deve ser destacado que neste período inicial se percebe um movimento de mudança tentado entender e incorporar a nova EF que está presente na escola.

**Palavras-chave:** desinvestimento pedagógico; investimento pedagógico; educação física escolar

### **Introdução**

Em grande medida, desde pelo menos, a década de 50, a Educação Física escolar foi orientada para o ensino dos (chamados) fundamentos esportivos, tendo como propósito iniciar os estudantes em algumas modalidades específicas (comumente: futsal/futebol, vôlei, handebol, basquete e atletismo), direcionando seus objetivos “educacionais” e a própria organização ao esporte de representação ou rendimento. Esta forma de trabalho, consolidada especialmente pela indução do governo federal





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

durante as décadas de 70 e 80, cristalizou um tipo de prática pedagógica nos pátios escolares que, de forma mais generalizada a partir da década de noventa, veio a ser designada de Educação Física tradicional (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009; SILVA; BRACHT, 2012).

A Educação Física tradicional no Brasil passou a ser alvo de severas críticas já na década de 80, dentro de um movimento de renovação que inspirava o conjunto da educação no contexto de redemocratização do país, e se intensifica posteriormente, com o surgimento de uma série de proposições para a superação dessa tradição. Neste contexto, a vertente que propõe suplantar a tradição tendo como referência uma apropriação crítica do acervo da cultura corporal de movimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992) ganha especial força no meio acadêmico e inspira decididamente os referenciais curriculares oficiais surgidos na última década.

No entanto, este movimento de renovação, fortemente percebido nos dizeres da e sobre a Educação Física e, eventualmente, inspirador de práticas pedagógicas inovadoras (FARIA et al., 2010; FENSTERSEIFER; SILVA, 2011; SILVA; BRACHT, 2012), não tem se consolidado no cotiado escolar, em que, além de práticas tradicionais, são evidenciadas (HINO; REIS; ANEZ, 2007; FORTES et al., 2012) práticas caracterizadas pelo abandono do trabalho docente (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006) ou desinvestimento pedagógico (MACHADO et al., 2010). Nos últimos anos, o Grupo de Pesquisa Paidotribas da Unijuí, em conjunto com colegas da Rede Internacional de Investigações Pedagógicas em Educação Física (REIPEFE) (FARIA et al., 2010; MACHADO et al., 2010; GONZÁLEZ et al., 2011; SILVA; BRACHT, 2012), apontam elementos que se entrelaçam na configuração desse fenômeno. Porém são limitados os estudos que procuram compreender como as configurações que pautam as atuações docentes dificultam e/ou favorecem a transformação da Educação Física escolar. Nesse contexto, procuramos investigar como a dinâmica escolar, profissional e pessoal interagem com um movimento de mudança da disciplina. Para isso, se trabalha num projeto de pesquisa-ação em que professores com diferentes perfis de atuação de uma mesma escola se desafiam a reformular e a desenvolver um plano de estudo para Educação Física sustentado nas ideias do movimento renovador, enquanto se observa a dinâmica pessoal e institucional dos implicados frente à mudança. Nesse sentido, a finalidade desse estudo em particular, a partir da dinâmica do campo de pesquisa em questão, centra-se em compreender a inserção de um docente com práticas tradicionais no processo de (re)formulação coletiva da disciplina de educação física em essa escola.

### Metodologia

A pesquisa é realizada em uma escola da rede pública do noroeste do estado do Rio Grande do Sul, onde buscamos entender os fenômenos que envolvem as atuações de três professoras em um mesmo ambiente de trabalho. A investigação acontece com base em duas aproximações metodológicas. A primeira consiste numa pesquisa/ação desenvolvida no contexto de um Grupo de Estudos (GE) que realiza encontros quinzenalmente, com o propósito de desenhar um plano de estudo para a disciplina Educação Física da escola e discutir as práticas pedagógicas desenvolvidas em aula. A segunda se trata de um estudo de base etnográfica, buscando descrever a forma que as três professoras participantes do GE, assim como o próprio universo escolar (alunos, gestores, pais) interagem com o movimento de mudança da disciplina.





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

Isabel, a professora para quem daremos ênfase no estudo, trabalha (com aulas de EF) na escola observada e em uma escola da rede pública municipal de uma cidade vizinha. Anteriormente Isabel trabalhava apenas com Filosofia e Sociologia na mesma escola observada, mesmo não sendo graduada nas áreas citadas. Júlia e Daniela (as outras duas docentes participantes do estudo) já se encontravam em observação há mais tempo por outra pesquisadora, por este motivo não farei comentários sobre suas aulas. As observações semanais ocorrem sem intervenção no decorrer das aulas, apenas registramos a forma como a professora atua nas aulas para posterior construção de um diário de campo que serve de base para análises. Estas também são compostas por observações do ambiente escolar e pelas conversas realizadas no GE.

Nos encontros quinzenais do GE, são tratados assuntos relacionados à (re)construção do “plano de estudos” da disciplina, também são discutidos assuntos pertinentes aos acontecimentos em torno da EF no ambiente escolar, bem como a discussão dos fatos mais relevantes ocorridos entre um encontro e outro.

### Resultados

Para apresentar o perfil de atuação da professora Isabel, dividimos a discussão em dois eixos: a) as observações para constatação do perfil; b) a posição/discurso adotada por ela nos encontros do GE.

O perfil da docência da professora Isabel.

Isabel vem de uma família com várias pessoas graduadas em EF (um tio, um irmão e uma irmã que hoje é sua colega de trabalho na mesma escola pesquisada). Dos graduados, é a mais recentemente formada, há cerca de 12 anos. Segundo relato da irmã, Isabel gostaria de ter cursado Direito, mas por influência da família acabou seguindo a mesma formação da irmã, a qual por vários anos assumiu a função de seu pai e sua mãe no período em que morou fora de casa para poder estudar e graduar-se na área.

Os apontamentos para caracterizar o desinvestimento pedagógico da professora Isabel

Logo nos primeiros minutos da primeira observação da turma escolhida para acompanhamento das aulas da professora Isabel, escutamos um depoimento de uma aluna que sinaliza o lugar da aula no binômio aprender ou praticar na aula de Educação Física. Ao anunciar que aquela aula seria a última da Unidade Didática (UD) de futsal, a professora recebe como resposta de uma aluna a seguinte frase: “professora, eu não vou jogar porque eu não sei [jogar futsal]” (Fragmentos do diário de campo do dia 25/05/12). Esse comentário nos levou a questionar como teria sido conduzida/planejada a UD referente ao futsal, ao perguntarmos para a professora, percebemos que não existia nenhum planejamento.

Na mesma aula ocorre um fato que chama a atenção e aponta um dado inicial para a possível caracterização do perfil de atuação da professora,

Ela orientou o aquecimento e o alongamento, ao iniciar os jogos, seis alunos estavam sentados e nove em quadra para iniciar o jogo de futsal, Isabel pede então que um dos alunos jogue, não obtendo resposta, acaba jogando ela mesmo. O jogo segue tranquilamente, enquanto a maioria joga, os que não estão jogando ficam sentados olhando. Trinta minutos depois, ela interrompe o jogo para troca de equipe. Pede que ficássemos [bolsistas do projeto de pesquisa] de olho nos alunos enquanto iria passar



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

de turma em turma para organizar as equipes que iriam participar do JERGS. (Fragmentos do diário de campo do dia 25/05/12).

Ainda no mesmo dia, em um momento de atividades extraclasse, onde era disputada a vaga de quem representaria a escola nos JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul), Isabel comenta que “não sabe se é interessante eu continuar observando suas aulas, pois não trabalha igual às gurias [as professoras que estavam empenhadas na implementação do novo plano de estudos da EF]”, e ainda comenta sobre a aula: “se eu não jogo junto, não sei jogo” (Fragmentos do diário de campo do dia 25/05/12). Nota-se um medo sobre uma possível rotulação de suas aulas. Percebemos também que o fato de alguém estar observando já causa uma mudança no seu modo de agir e falar.

Os encontros seguem e nos revelam algumas evidências sobre o perfil de Isabel. Ao introduzir uma das aulas observadas, explica que a atividade será em um clube perto da escola para que o fechamento da UD de bocha seja feita (encerramento do conteúdo feito na segunda aula reservada para o ensino da bocha). A cancha utilizada era de um material sintético, totalmente diferente da cancha de areia em que os alunos praticaram o jogo na aula anterior, por isso explica que a força usada deverá ser diferente (esta foi à única instrução dada pela professora sobre o jogo). Regras, história do jogo, formas de jogar, competições ou qualquer outro assunto pertinente ao conteúdo não foi trabalhado durante o desenvolvimento da UD.

A aula continua e notamos na professora uma postura de administradora do espaço assim como verificado nos encontros anteriores. Como os alunos comandam a aula, Isabel aproximou-se e perguntou sobre nossos objetivos nas aulas. Respondemos que o papel principal é apenas observar para posterior análise, ao que a professora comenta: “Achei que vinha pra dizer como fazer, o que fazer, para que fazer, não achei que era só ficar sentado observando”. Interpretamos que, no fundo deste questionamento, existe um pedido de socorro, uma solicitação de ajuda para que ocorra uma mudança em suas aulas.

A conversa com Isabel prossegue e os alunos que não estão praticando o jogo correm pelo espaço próximo à cancha, Isabel questiona sobre o que fazer com os alunos que não estão participando da atividade no momento. Comentamos que poderia dividir a cancha em dois espaços iguais, podendo dobrar o número de alunos participantes. A resposta é negativa, pois considera que diminuindo o tamanho da quadra, acaba descaracterizando o jogo, o que sinaliza para a ideia da prática somente através do jogo formal.

As observações seguem normalmente até que em um encontro do GE, Isabel acabou demonstrando interesse (o qual foi incentivado pela pergunta da professora Daniela sobre a montagem de uma nova UD para um determinado conteúdo) em montar uma UD de dança para a turma que é observada. A montagem da UD foi concluída pouco antes do meio-dia de uma quarta-feira gelada. Às 13h15min ela já estava aplicando o que havia sido programado horas antes. A aula foi confusa, ela demonstrava não saber como conduzir o desdobramento de um conteúdo que fugia das tradicionais aulas de esporte que normalmente desenvolvia com os alunos.

A interferência dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS)







**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

Durante as observações das aulas e nos encontros do GE, notamos uma forte aversão das professoras quanto à participação nos JERGS. Júlia e Daniela afirmam que o JERGS atrapalha a sequência da aula e que de certa forma é um modo de exclusão daqueles alunos que “não sabem jogar” a modalidade em disputa. Atrapalha a sequência porque rouba o tempo da aula e porque os alunos pedem apenas para treinar o esporte que irão praticar na competição, o que acaba descaracterizando a ideia da reformulação da disciplina.

Até então Isabel não havia demonstrado uma posição favorável ou não sobre a participação na competição. Mas um fato isolado acabou acontecendo. Uma funcionária da coordenadoria regional de educação da qual a escola depende, comenta em uma reunião (da qual não participamos) com a direção da escola que elas deveriam sim enviar equipes ao JERGS, e que se as professoras não escolhessem os alunos, ela mesma iria até a escola escolher. Em conversa entre a direção da escola e as professoras, ficou decidido que Isabel comandará as equipes nos jogos. Porém, ela se mostra contra a participação da escola na competição. Não defende a mesma linha de pensamento das professoras Júlia e Daniela, mas sim comenta que a escola não possui fardamento, não possui equipes treinadas, indaga como ocorrerá o deslocamento até os locais dos jogos, preocupa-se com a alimentação dos alunos e demais implicações organizacionais e financeiras.

Notamos que o problema diagnosticado por Isabel não está na consequência que a participação trará as aulas de EF, muito menos ao prejuízo que os alunos que participam terão ao faltar várias aulas nas semanas de competição. O problema principal está pautado em uma questão logística, onde a falta de condições (fardamentos, bolas, etc.) atrapalha a organização das equipes.

### Considerações Finais

As primeiras análises nos levaram a entender que a professora tem um perfil de atuação que pode ser caracterizado como de desinvestimento pedagógico (MACHADO et al., 2010). As suas concepções, a forma de condução das aulas, a não apresentação de um material de planejamento reforçam esta ideia. O histórico de formação, os comentários sobre o que aprendeu na faculdade nos revelam o porquê de certa dificuldade em conduzir as aulas e como organizá-las.

A motivação para seguirmos a pesquisa vem ao encontro do pedido de “ajuda” que Isabel demonstrou durante as observações e nos encontros do GE, o que abre a porta para melhor entendermos as configurações que dificultam e/ou favorecem a transformação das atuações docentes e da Educação Física com prática social. Percebemos uma clara mudança de postura quanto às intenções que ela espera alcançar com as aulas de EF. O reconhecimento que Daniela e Júlia estão recebendo por estarem apostando em um novo modelo de EF parece de certa forma incomodar, mas ao mesmo tempo motivar Isabel a buscar este reconhecimento através de uma mudança significativa nas suas aulas.

Com o diagnóstico inicial finalizado, esperamos poder obter dados mais relevantes no eixo do investimento pedagógico nas aulas da professora Isabel durante o desenrolar da pesquisa. O ambiente escolar (a forma como os alunos encaram a nova EF que a escola vive e o ambiente favorável para o investimento pedagógico em que as professoras de EF se encontram) pode facilitar essa ação a partir do momento em que o investimento deixar de ser apenas uma intenção e sim uma ação planejada.



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

### Referências bibliográficas

BRACHT, Valter; SILVA, Mauro Sérgio da. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. Revista Kinesis, v. 30, n. 1, 2012. Disponível em <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/kinesis/issue/view/312>>

FARIA, Bruno de Almeida et al. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas? In: *Ágora para la Educación Física y el Deporte*, v. 1, p. 11-28, 2010.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André da. Ensaaiando o “novo” em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. *Rev. Bras. de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011.

FORTES, Milena de Oliveira; AZEVEDO, Mario Renato; KREMER, Marina Marques; HALLA, Pedro Curi. A educação física escolar na cidade de pelotas-rs: contexto Das aulas e conteúdos. IN: *Rev. Educ. Fís/UEM*, v. 23, n. 1, 1. trim. 2012, p. 69-78.

GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER; Paulo E. Educação Física e Cultura Escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. In: *III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*, Santa Maria, set. 2006.

GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER; Paulo E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF Escolar I. In: *Cadernos de Formação RBCE*, Florianópolis, v. 1, p. 9-24, set. 2009.

HINO, A. A. F.; REIS, R. S.; ANEZ, C. R. R. Observação dos níveis de atividade física, contexto das aulas e comportamento do professor em aulas de educação física do ensino médio da rede pública. *Revista brasileira de atividade física & saúde*, Londrina, v. 12, n. 3, p. 21-30, set./dez. 2007.

MACHADO, Thiago da Silva et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, p. 129-147, abr/jun. 2010.